

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

26 de Abril de 2025

PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

## ENTREVISTA A ROBERT KRAMER / 1998

*Um filme de Sérgio Tréfaut*

*Imagem (Beta sp, cor), montagem e som: não identificados / Com a presença de: Robert Kramer, Sérgio Tréfaut*

*Produção: não identificado / Cópia: BT sp, versão original sem legendas / Duração: 35 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca: 16 de Maio de 2014, no âmbito do ciclo “25 de Abril, Sempre”.*

\*\*\*\*\*

**O filme passa conjuntamente com OUTRO PAÍS (1999), de Sérgio Tréfaut (“folha” em separado).**

**Haverá uma conversa com o realizador ao fim da projeção.**

\*\*\*\*\*

Originalmente feita para o que veio a ser **Um Outro País**, esta entrevista é um importante e comovente documento, menos sobre o período de agitação revolucionária em Portugal do que sobre Robert Kramer, que no seu percurso de militante político passou por estas terras no célebre Verão de 1975. A passagem de Kramer por Portugal naquele período foi inevitável: numa era de verdadeira *overdose* de politização e obstinada crença na “revolução” Portugal foi um ímã irresistível, pois subitamente a “revolução” (que acabara de receber uma violentíssima cacetada no Chile) parecia ao alcance da mão, ainda por cima num país de fácil acesso e onde tudo se passava sem derramamento de sangue. Agora é que ia ser e Kramer foi um dos muitíssimos militantes a desembarcar em Portugal, onde ficou fascinado por uma situação política “*ao mesmo tempo muito fluida e muito densa*”. A entrevista que vamos ver foi feita cerca de um ano antes da sua morte e neste período ele tinha muito certamente plena consciência de que estava no início da contagem regressiva para o seu próprio fim, como pode constatar qualquer espectador de **Walk the Walk**, realizado dois anos antes, filme sobre três indivíduos a esmo nos espaços da Europa depois do suposto “fim da História”, obra que é ao mesmo tempo um balanço, um testemunho e um adeus. Aqui, o balanço e o testemunho às vésperas do adeus definitivo tomam a forma de uma entrevista, um exercício que pode ser bastante gratificante com um homem de grande inteligência como Robert Kramer, que dominava magnificamente bem a palavra e era um brilhante conversador.

O dispositivo formal é o mais simples possível e esta simplicidade é suficiente e, por conseguinte, necessária: numa pequena sala de um apartamento parisiense, sentado a uma secretária, enquadrado em plano americano frontal, Robert Kramer fala. Vemos o reflexo da pequena equipa na janela e podemos observar a passagem das horas pela mudança da luz, do dia à noite. Kramer não diz nada que não tivesse já dito anteriormente e não há certamente a menor dose de arrependimento no seu tom, mas há maior distância, há outra perspectiva: a sua aventura portuguesa é posta no contexto do seu percurso global. Este percurso de militância política, do qual o cinema era apenas uma das formas, uma maneira de refletir e mostrar, que atingira um ponto culminante com o monumento do cinema moderno que é **Milestones**, que foi apresentado no Festival de Cannes no mesmo dia em que os Estados Unidos perderam oficialmente a guerra do Vietname, o que encheu o realizador de satisfação.

A curiosidade de Kramer em vir a Portugal era mais do que natural, pois “*vivíamos todos no limite da utopia*” (no original, a expressão escolhida pelo autor de **The Edge** é “*in the edge*”) e isto acabou por influenciar o curso da sua vida, fazendo-o deixar definitivamente os Estados Unidos, instalando-se em França pelo resto da vida. Se em **Milestones** tudo é ultra-encenado, apesar das aparências, no filme que ficou da passagem de Kramer por Portugal, **Scenes of the Class Struggle in Portugal**, nada é nem pode ser encenado. Mas Kramer era e só podia ser um observador exterior de uma realidade política sobre a qual só podia ter uma visão pouco nítida (que referências poderia ter e entre as que tinha que relação tinham elas com a realidade portuguesa?) e que era manietada pelas grandes obrigações teóricas no laboratório das militâncias políticas que foi Portugal em 1974-75. Numa importante entrevista-*fleuve* a Bernard Eisenschitz (157 páginas), publicada em português no catálogo que esta cinemateca dedicou a Robert Kramer, este diz que não ficou satisfeito com **Scenes of the Class Struggle in Portugal**, porque “*é o mais retórico dos meus filmes, o mais abstrato*”, o que é absolutamente inevitável quando se aplica uma grelha de teorias a uma realidade mutável e que não se conhece. E acrescenta algo que repete neste filme de Sérgio Tréfaut: “*o melhor material filmado*” foi excluído da montagem devido ao terrível superego dos “revolucionários”: via-se militantes comunistas completamente bêbedos que dançavam ao som de *Bella, ciao*. Estes proletários não correspondiam à imagem do proletário ideal que habitava as cabeças dos militantes, que perguntaram a Kramer: “*Afinal, de que lado estás?*”. Um filme é mesmo uma coisa muito diferente da realidade...

Mas apesar do puritanismo inquietante que está por detrás desta atitude, que Kramer acatou com disciplina de militante, ele não se deixou fechar numa série de certezas. Pôs em causa algo do que fazia, devido ao facto de ter saído do meio extremamente fechado da militância política que praticava nos Estados Unidos (até que ponto Kramer se envolveu ou não em projetos de luta armada nos Estados Unidos é algo que ainda está por demonstrar) a um país que vivia, de uma ponta a outra, uma agitação revolucionária. Dez anos depois de filmar cenas da luta de classes em Portugal, Kramer voltaria àquele que já era outro país para **Doc's Kingdom** (1987), um filme que até certo ponto é o retrato de um homem que perdera as certezas revolucionárias, um personagem de ficção, *alter ego* de Kramer, que voltará ao seu cinema dois anos depois em **Route One/USA**, percorrendo os Estados Unidos depois de vários anos de governos conservadores, contemplando uma paisagem após a batalha. Nesta entrevista feita para um filme intitulado **Um Outro País**, Kramer evoca precisamente este “outro país”, o Portugal da agitação revolucionária, mas é preciso ter em mente que este país se situava num outro mundo – que quem não viveu os anos 70 não pode sequer imaginar como era.

Antonio Rodrigues